



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA

IRINEU FRANCISCO DE SOUSA NETO

**PERSPECTIVA MUSICAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO GEOGRÁFICO: a
utilização da música como instrumento didático para a compreensão do
cotidiano na Geografia escolar**

GUARABIRA
NOVEMBRO/2017

IRINEU FRANCISCO DE SOUSA NETO

**PERSPECTIVA MUSICAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO GEOGRÁFICO: a
utilização da música como instrumento didático para a compreensão do
cotidiano na Geografia escolar**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, Coordenação de
Geografia, Centro de Humanidades, campus III,
tendo como objetivo a conclusão do curso de
Licenciatura Plena em Geografia.

Linha de pesquisa: Metodologias do ensino de
Geografia.

Orientador: Prof.: Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva.

GUARABIRA
NOVEMBRO/2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725p Sousa Neto, Irineu Francisco de.

Perspectiva musical e a ressignificação do ensino geográfico [manuscrito] : a utilização da música como instrumento didático para a compreensão do cotidiano na geografia escolar / Irineu Francisco de Sousa Neto. - 2017.

27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva, Departamento de Geografia - CH."

1. Geografia Escolar. 2. Musicalização. 3. Ensino de Geografia.

21. ed. CDD 910

IRINEU FRANCISCO DE SOUSA NETO

**PERSPECTIVA MUSICAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO
GEOGRÁFICO: a utilização da música como instrumento didático para a
compreensão do cotidiano na Geografia escolar**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba, Coordenação
de Geografia, Centro de
Humanidades, campus III, tendo
como objetivo a conclusão do curso
de Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovada em: 29/11/2012.

BANCA EXAMINADORA

Luiz Arthur Pereira Saraiva
Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Belarmino Marinho Neto
Prof. Dr. Belarmino Marinho Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sharlene da Silva Bernardino
Prof. Me. Sharlene da Silva Bernardino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*“Se eu soubesse antes, o que sei agora.
Erraria tudo exatamente igual”.*

Dedico esse trabalho em memória ao meu querido pai que já não se encontra entre o mundo dos vivos. Tenho a plena convicção de que ele está feliz pela minha conquista, esteja onde estiver. Pois a você dedico todo o meu progresso profissional, toda a minha evolução acadêmica e toda a minha dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha querida mãe, Irinalva Moreira, primeira mulher da minha vida, a qual eu amo demasiadamente e que sempre suportou meus recentes momentos de estresse motivados pelas fortes preocupações na minha vida acadêmica e profissional.

À segunda mulher da minha vida, Nara Anjos, a melhor namorada do mundo, meu bem mais precioso, minha futura esposa, que sempre sabe me trazer paz e tranquilidade apenas com a sua companhia e com seu jeito único de ser que me conquista mais e a cada dia. Eu amo você, Nara Anjos, obrigado por acabar com minha inquietude e ansiedades.

A todos os amigos que me motivaram e falaram palavras de incentivo, em especial à Dannielly Viana que é mais do que uma grande amiga, é uma irmã que eu sempre tenho por perto nos momentos de aflição e desespero.

Ao meu grande irmão – que não é de sangue, mas é como se fosse – Maurílio Lima que, entre confraternizações e festividades, me ajudou nas reflexões sobre cotidiano social e sempre contribuindo no desenvolvimento dos meus conhecimentos musicais.

Ao segundo casal mais lindo da UEPB, Thomas e Jordânia, que sempre estiveram comigo em todos os melhores e piores momentos da minha vida e que sempre dividiram boas conversas comigo e excelentes dias de alegria comigo. Sem eles, eu não seria a mesma pessoa que sou hoje.

Aos professores Sharlene e Belarmino, componentes da banca examinadora desse trabalho, que foram escolhidos por terem sido de extrema importância para a minha formação acadêmica, quando ministraram componentes curriculares do curso.

Por ultimo, e não menos importante, ao meu orientador, Luiz Arthur, que tornou possível a realização desse trabalho e de forma tão árdua suportou as minhas imperfeições e burradas na maneira de escrever e de organizar o referido texto dentro das normas da ABNT. Obrigado grande ostentador de potentes fones de ouvido e de um grande acervo de conhecimento.

PERSPECTIVA MUSICAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO GEOGRÁFICO: a utilização da música como instrumento didático para a compreensão do cotidiano na Geografia escolar

Autor: Irineu Francisco de Sousa Neto

Orientador: Luiz Arthur Pereira Saraiva

Examinadores: Belarmino Mariano Neto¹

Sharlene da Silva Bernardino²

RESUMO

A música tem um papel fundamental na vida de cada ser humano na medida em que ela perpassa gerações e culturas. Esse artefato midiático é inerente ao cotidiano social e pode ser de extrema importância para a problematização de temas prementes na sociedade. A geografia escolar é preponderante para a discussão desses temas que são intrínsecos ao cotidiano social e pode, por meio da "musicalização" tornar possível a realização de aulas mais prazerosas tanto ao professor como ao aluno, como apontado por FERREIRA (2010). Aproveitando-se a bagagem cultural de cada indivíduo, mostrou-se mais fácil a sua compreensão de cotidiano e sua capacidade reflexiva acerca de muitas mazelas sociais presentes em seu meio socioespacial. A escolha das letras de músicas foram feitas levando em consideração a cultura que está "impressa" na identidade discente, o que tornou possível um melhor entendimento sobre o seu cotidiano. Essa pesquisa nos trouxe resultados positivos, uma vez que os alunos se mostraram mais assíduos em sala de aula e os objetivos foram alcançados à medida que os discentes participaram mais veementemente das aulas e das discussões de cotidiano.

Palavras-chave: geografia escolar; musicalização; cotidiano.

ABSTRACT

Music plays a fundamental role in the life of every human being as it pervades generations and cultures. This media artifact is inherent in everyday social life and may be of extreme importance for the problematization of pressing issues in society. School geography is preponderant for the discussion of these themes that are intrinsic to social everyday life and can, through "musicalization" make possible the accomplishment of classes more pleasurable both to the teacher as to the student, as pointed out by FERREIRA (2010). Taking advantage of the cultural baggage of each individual, it was easier to understand their daily life and their reflective capacity about many social ills present in their socio-spatial environment. The choice of lyrics was made taking into account the culture that is "printed" in the student identity, which made possible a better understanding of their daily life. This research has brought us positive results, as students have become more assertive in the classroom and goals have been achieved as students have participated more vehemently in class and in everyday discussions

Keywords: school geography; musicalization; everyday.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 RELAÇÃO MÚSICA-GEOGRAFIA EM SALA DE AULA	13
3 NEGLIGENCIAR A CULTURA É NEGLIGENCIAR A IDENTIDADE	16
4 A MÚSICA E A VIDA COTIDIANA SOCIAL	19
5 A PRÁTICA EM SALA DE AULA	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi produzido para analisar formas de ensino-aprendizagem e lançar mão de questionamentos sobre as mudanças e transformações que devem ser adotadas em sala de aula para um melhor trabalho com os conteúdos na disciplina de Geografia. Os procedimentos metodológicos (na Geografia e em várias outras áreas de conhecimento) estão, diariamente, passíveis de transformações, desde um simples estudo dirigido a uma aula com performances, peças teatrais, utilização de músicas, entre outros.

A metodologia aqui adotada compreendeu-se no período de julho a novembro de 2017, dividindo-se em três procedimentos: 1) levantamento bibliográfico; 2) trabalho prático, levando músicas para a sala de aula tocada por meio de aparelhos de som e instrumento musical (violão); 3) realização de um diálogo com as turmas escolhidas, com enfoque principal para a reflexão sobre como a musicalização contribuiu para o ensino aprendizagem dos jovens.

Uma didática que não se adequa aos avanços tecnológicos e que não adere às novas formas e metodologias em sala de aula (internet, multimídias, músicas, peças teatrais, entre outras) está fadada ao fracasso: a obsolescência não é apenas um processo exclusivo da dinâmica capitalista, mas também pode ser pensada na prática de uma sala ou professor que se tornam obsoletos ao ficarem em suas respectivas “zonas de conforto”.

O referido trabalho tem por ideia principal a utilização de novas formas de se exercer a função docente levando em consideração o uso de produtos culturais, tal como a música, a poesia e a arte, tendo em vista que esses meios podem “ficar impressos” na identidade de cada discente. Em se tratando da questão supracitada, Guimarães (2013, p. 222) afirmou que “boa parte do professorado sabe que precisa inventar outros modos de ensinar, outras formas de sensibilizar os alunos para o processo de aprendizagem”.

Qual a verdadeira identidade que há em se adotar uma prática de aula musicalizada? Qual realização profissional que se obtêm ao praticar um bom ensino-aprendizagem? Qual a participação docente na prática inerente à formação de opiniões e de “cabeças pensantes”? Os respectivos questionamentos fazem menção à identidade inerente a cada professor ao exercer a carreira docente.

A problemática da pesquisa se insere na discussão sobre a prática de antiquadas metodologias de ensino – em Geografia e em diversas outras disciplinas – onde o aluno é visto apenas como um “banco”, sendo peça de uma “Educação Bancária”, assim apontada por Freire (2011) em sua Pedagogia do Oprimido, e não como um ser autônomo, capaz de refletir sobre novos conceitos e temas apresentados em sala de aula.

Tornando-se, então é a principal causa para abordarmos nessa ideia de utilização da música na educação básica, mais precisamente como uma musicalização do ensino geográfico, tendo em vista um desenvolvimento de aulas mais dinâmicas e coesas para a melhor realização do ensino aprendizagem em sala de aula. Assim, deixaremos uma contribuição à nossa ciência geográfica. Contribuamos para a Geografia com aulas mais didáticas, prazerosas e musicalizadas (utilização da música na sala de aula).

Tendo em vista o apontamento anterior, tem-se por objetivo principal desse trabalho analisar a utilização de outras metodologias na prática docente em Geografia, dando ênfase ao uso da música na sala de aula. Ao longo desse trabalho foram apontados alguns objetivos específicos como interpretar as letras de músicas que tratam de processos geográfico-mundiais; utilizar a bagagem cultural de cada discente em benefício do melhor entendimento do conteúdo em sala de aula; compreender como a música está consubstanciada às transformações ao longo da Geografia; trazer produtos culturais de outras regiões, realizando apontamentos que corroborem a premissa do uso da música na sala de aula.

De antemão salientemos o conceito de música que se pretende tomar como norteador nesse trabalho. “A música é, além da arte de combinar sons, uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro” (FERREIRA, 2010, p. 17). Vários compositores retratam as relações sociais em suas músicas, de forma que as canções tornam-se instrumentos para reflexões sociais, análises do mundo, estudos sobre o indivíduo e a identidade ao lugar em que vive, entre outros fatores.

A música, além de instrumento pedagógico, também pode ser compreendida como meio de reflexão social, ou seja, a sociedade pode raciocinar e refletir acerca de muitas das mazelas em seu meio social, tais como pobreza, antagonismo de classes, opressão, repressão, entre outras temáticas. O âmbito musical possui uma enorme gama de temas, desde os mais simples aos mais complexos. Tendo isso em

vista, vale salientar a importância da música não apenas no ensino-aprendizagem em Geografia, mas em várias outras disciplinas escolares.

As letras de músicas nos auxiliam na compreensão do ontem, do agora e do amanhã de uma forma que a imaginação coletiva da sociedade é extremamente importante em todos os tempos. Tal coletividade nos é compreendida como sendo a capacidade que o indivíduo tem de refletir em conjunto com os demais pensadores sobre os mais variados temas de seu meio social. Nesse viés, a música se enquadra em sala de aula como sendo um instrumento extremamente poderoso para a compreensão das relações sociais e de várias incógnitas da sociedade.

Tendo em vista essa ideia, salienta-se que esse artefato midiático é, de certa forma, inerente ao processo de ensino-aprendizagem, aproveitando o conhecimento musical característico de cada indivíduo – seja ele pouco ou vasto – que possa ser utilizado como um instrumento de extrema relevância para a realização de aulas mais prazerosas, tanto para o professor como para os alunos. Exemplificações podem ser feitas citando as palavras de Ferreira (2010, p. 26), quando ele aponta que

Existem muitos professores que utilizam com seus alunos desde canções para a fixação de da matéria ensinada até músicas para exercícios aeróbicos, por exemplo [...] sabemos que existe o professor de história que lança mão de uma canção da década de 1960 para explicar as manifestações dos jovens desse período, o professor de língua inglesa que se vale de uma canção inglesa para ensinar a língua e assim por diante (FERREIRA, 2010, p. 26).

Segundo Viana (2000, p. 110), “as letras nos propiciam temas geradores que possibilitam a textualização a partir de códigos que os alunos já possuem de suas vivências cotidianas”. Aqui se tem a idealização da música como objeto de transposição no que diz respeito ao conhecimento e à vivência, ou seja, transpor o conhecimento musical da vivência do discente, sempre respeitando as divergências de gostos, para o conhecimento escolar que será disseminado, como apontado por Viana (2000, p. 110):

A música é um poderoso recurso do qual o professor pode-se valer em aulas de Geografia, assim como tantos outros recursos pouco explorados por nós, como o cinema, o esporte, a literatura... recursos estes citados, inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais (VIANA, 2000, p. 110)

A autora cita a importância que os PCN's dão para a utilização de artefatos midiáticos (dentre eles, a música) para as diretrizes educacionais que devem ser seguidas pelas escolas, tanto públicas como privadas. O que corrobora ainda mais para a ideia de que a “musicalização” das aulas pode ser de extrema importância para a apresentação de práticas docentes mais prazerosas e produtivas, tanto para os professores como para o alunado.

Para professores que toquem algum instrumento musical, a música na sala de aula pode ser ainda mais prazerosa, tendo em vista que o docente pode fazer uso do mesmo. Assim, ministrando uma aula mais diferenciada, a mesma ocorrerá de forma mais dinâmica, coesa e didática. Vale salientar que algo diferente – instrumentos musicais e/ou midiáticos – pode prender a atenção da classe discente e resultar em uma experiência gratificante. Como bem apontou Ferreira (2010, p. 153),

Caso os professores experimentem levar um violão ou um instrumento de percussão à sala de aula para explicar acústica em física, marcenaria em arte; ou proporções geométricas em matemática, por exemplo, certamente terão uma surpresa com o interesse que tal objeto irá despertar em seus alunos (FERREIRA, 2010, p. 153).

Os docentes que não detenham habilidades com instrumentos musicais não “ficam para trás” no que diz respeito ao uso da música em sala de aula. A “musicalização” pode ser feita por meio do uso de aparelhos de som, DVD player, entre outros, sempre fazendo o uso da composição musical de forma impressa sendo, também, uma forma de exercitar a leitura do aluno. Mas, para que isso aconteça, a escola necessita estar em dia com o meio informacional, como apontado por Viana (2000, p. 109):

A escola tem obrigação de estar atualizada com o mundo exposto diariamente aos alunos, seja via TV, internet, jornais, rádio... e precisamos trazer essas informações para a sala de aula e transformá-las em nossa matéria-prima (VIANA, 2000, p. 109).

A matéria-prima de todo professor está disponibilizada no próprio cotidiano e o mesmo será refletido em sala de aula entre docentes e discentes sempre almejando a compreensão dos alunos sobre o cotidiano, usando a Geografia escolar em parceria com a música para a realização de tal procedimento. A justificativa para esse contexto aqui abordado é principalmente voltada para uma melhor elaboração de aulas mais didáticas e prazerosas para alunos e professores, tendo em vista um

melhor desenvolvimento para o processo de ensino aprendizagem e a aplicabilidade da música na sala de aula. Como disse Ferreira (2010, p. 16), “a música harmoniza as pessoas”. É buscando essa harmonização, que esse trabalho tem como enfoque trazer concepções e reflexões sobre a vida cotidiana das pessoas e como a utilização de aulas musicais pode promover uma melhor forma de ensino-aprendizagem para a educação básica.

2 RELAÇÃO MÚSICA-GEOGRAFIA EM SALA DE AULA

A música como instrumento pedagógico é, na maior parte das vezes, inerente ao processo de transposição didática na sala de aula. Uma aula de Geografia pode lançar mão do viés musical para que a mesma ocorra de forma mais inteligível. Para isso, são necessários cinco passos fundamentais. Primeiro: uma canção é escolhida pelo docente. Segundo: o professor trabalha a mesma, embasado em sua letra e na reflexão social que ela traz acerca do cotidiano vivido pelos discentes. Terceiro: junto com a turma, ele elenca trechos da música que corroborem a reflexão apontada. Quarto: faz-se uma sondagem na turma para discussão e elaboração de possíveis propostas para que problemas do cotidiano sejam amenizados e/ou sanados. Quinto: o docente deve fazer uma reflexão e debater as soluções apontadas pelos seus alunos. Segundo Santos (1986) *apud* Viana (2000, p. 109),

Através do entendimento desse conteúdo geográfico do cotidiano podemos, talvez, contribuir para o necessário entendimento dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando [...] um convite à ação (SANTOS, 1986 *apud* VIANA, 2000, p 109).

Como pode ser notado, a importância de uma geografia do cotidiano mostra-se como atrelada à capacidade da sociedade inferir a si mesma escolhas que subjugam seus próprios valores dentro da moral e da ética, como apontou Heller (2008, p. 39)

A vida cotidiana estar carregada de alternativas, de escolhas. Essas escolhas podem ser inteiramente indiferentes do ponto de vista moral (por exemplo, a escolha de tomar um ônibus cheio ou esperar o próximo); mas também podem estar moralmente motivadas (por exemplo, ceder ou não o lugar a uma mulher de idade). (HELLER, 2008, p. 39).

O referido conhecimento está extremamente intrínseco à Geografia escolar, a qual se torna fundamental para a formação social pensante. A música pode ainda ser um instrumento didático para outras disciplinas escolares, tendo em vista que a música é interdisciplinar. Segundo Santos (1986, p. 102), “na verdade o princípio da interdisciplinaridade é geral a todas as ciências”. A interdisciplinaridade seria capaz de superar formas de trabalhar conteúdos e transmitir conhecimentos importantes entre duas ou mais ciências tendo em vista seus respectivos avanços didáticos ou, segundo Fazenda (1998, p. 13), “um olhar interdisciplinarmente atento recupera a magia das práticas, a essência de seus movimentos, mas, sobretudo induz-nos a outras superações, ou mesmo reformulações”.

Tal prática é vital para a mudança de instrumentos educacionais que restringem o conhecimento na educação básica ao ponto de sermos detentores apenas de nossos saberes e não sermos contemplados com o poder de transpassar barreiras (organizacionais, curriculares, de ensino-aprendizagem, entre outras) e ressignificar o ensino (nesse caso, geográfico), sempre sendo importante salientar a recíproca existente entre as disciplinas que se referenciam, segundo Germain (1991) *apud* Fazenda (1998, p. 46): “a interdisciplinaridade pressupõe a existência de ao menos duas disciplinas como referência e a presença de uma ação recíproca”.

A referida interdisciplinaridade, e seu direcionamento, também não são algo que estariam correlacionados a nenhuma ciência em específico, ou seja, não se trata de uma característica ou processo que se afeite à uma área de conhecimento, mas estaria a cargo do processo de dinamização e utilização da música no processo educacional-organizacional de todas as ciências, como apontou Fazenda (1979, p. 31): “a direção do processo interdisciplinar não pode estar a cargo de nenhuma ciência em particular” .

Ser interdisciplinar (realizar um trabalho interdisciplinar) é algo que revela uma premissa de dinâmica de ser recíproco, de ser mais mútuo tal qual dois animais que vivem em parceria. Ao revelar-se como interdisciplinar, o conhecimento ser-nos-ia ainda mais abrangente e contemplar-nos-ia sendo ainda mais dinâmico, didático, multifacetado em bases teóricas e empíricas à medida que a experiência interdisciplinar possibilita diálogos entre interesses e interessados, possibilita diálogo entre ciências e “a abertura provocada por esse diálogo entre disciplinas só poderia ocorrer sob uma atitude interdisciplinar” (FAZENDA, 1979, p. 43).

Sendo correlacionadas propriedades, das quais a interdisciplinaridade seja feita de forma relacional e recíproca, possibilitaria tal diálogo na dimensão de desenvolvimento da educação básica e utilização da música na educação geográfica aqui defendida. Segundo Fazenda (1979, p. 39),

Ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou melhor dizendo, um regime de copropriedade que iria possibilitar o diálogo entre os interessados [...] nela a colaboração entre as diversas disciplinas conduz a uma “interação”, a uma intersubjetividade como única possibilidade de efetivação de um trabalho interdisciplinar (FAZENDA, 1979, p. 39).

As concepções supracitadas corroboram a ideia de que a musicalização das aulas pode ser feita por quaisquer disciplinas da educação básica para a realização mais coesa das mesmas e facilitar a compreensão do cotidiano por parte do discente. Segundo Boudeville (1945) *apud* Santos (1986, p. 102),

Toda ciência se desenvolve nas fronteiras de outras ciências e com elas se integra em uma filosofia. A Geografia, a sociologia, a economia, são interpretações complementares da realidade humana (BOUDEVILLE, 1945 *apud* SANTOS, 1986, p. 102).

A música, antes de mais nada, torna-se interdisciplinar na educação básica, cabendo salientar a facilitação que ela proporciona ao entendimento de cotidiano do discente como também do professor, uma vez que “a música, [...] assim como é uma linguagem universal também é uma linguagem por meio da qual uma ideia é mais bem difundida ao longo dos tempos” (FERREIRA, 2010, p. 9), e o mesmo adquire novos aprendizados ao considerar a bagagem cultural de seus alunos.

Esse artefato midiático demonstra-se como sendo fundamental na medida em que a sociedade, com suas culturas musicais e experiências sociais, é única e capaz de entender-se, levando esse entendimento para o ambiente escolar. Como apontou Lefebvre (1971) *apud* Santos (2009, p. 316), “a análise da vida cotidiana envolve concepções e apreciações na escala da experiência social em geral”. Tal processo faz-se necessário tendo em vista que há uma sensação de identidade, quer nas virtudes, quer nos defeitos da mesma sociedade. Assim, ocorrendo apropriações e compreensões imediatas.

3 NEGLIGENCIAR A CULTURA É NEGLIGENCIAR A IDENTIDADE

Antes de mais nada, precisamos conceituar o que se entende aqui por cultura e por identidade para darmos prosseguimento à ideia desse devido trabalho. Façamos uso das palavras de White (2009, p. 81) quando refere-se à cultura “como uma ordem específica de fenômenos” e que “a cultura humana não é homogênea. É tremendamente variada, essas variações têm também uma dimensão temporal, pois uma mesma cultura muda com o tempo” (p. 32).

É essa cultura humana salientada pela autora que é inerente ao processo de ensino aprendizagem, uma vez que “a educação é um processo de transmissão de cultura entre gerações” (WHITE, 2009 p. 91) e, tal como a educação, “a cultura, ou parte dela, passa por estágios de desenvolvimento” (p. 93) em função da sociedade e da educação a ela inerente, tornando a vida mais segura para a humanidade, como aponta a autora ao afirmar que “a função da cultura é tornar a vida mais segura para a espécie humana”. (WHITE 2009, p. 98). Utilizando-se de outra referência para corroborar o nosso entendimento de cultura, temos as palavras de Hall (2003, p. 43)

A cultura não é apenas uma viagem de descoberta, uma viagem de retorno. Não é uma arqueologia. A cultura é produção [...] não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. [...] Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 43).

A cultura como produção humana, tendo como base o entendimento do autor supracitado, é responsável por várias formas de se trabalhar a educação básica de forma que se venha a valorizar a identidade discente em sala de aula para que um novo arranjo educacional-musical seja melhor compreendido nessa respectiva identidade.

Agora, busquemos o nosso entendimento acerca do termo identidade. Termo esse que, se negligenciado, pode ser algo a se perder dentre os exercícios de ensino aprendizagem. Segundo Silva (2009, p. 14), “a identidade é relacional, é marcada pela diferença, é marcada por meio de símbolos”. Ainda segundo o autor, “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (p. 10). “A identidade é relacional e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a

outras identidades” (SILVA, 2009, p. 14). E ainda seguindo o pensamento do autor temos por marcação simbólica

O meio pelo qual damos sentido a praticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são vividas nas relações sociais (Silva, 2009, p. 14).

Como se pode ver, cultura e identidade são contextos indissociáveis, entre si e entre a educação, a didática e a capacidade de utilização de instrumentos como a música em sala de aula. Quando analisamos a utilização dos artefatos midiáticos que a atualidade nos põe à disposição – e é correto afirmar que algumas escolas não fazem uso das mesmas –, temos um leque enorme de possibilidades a serem trabalhadas tendo em vista a dinamização e o enriquecimento escolar, alcançando, assim, a abordagem musical apontada no título desse texto. A educação escolar que não lança mão da musicalização aqui defendida pode acabar negligenciando a riqueza cultural que o alunado detém em sua identidade. Como salientou Guimarães (2013, p. 223),

É possível ponderar sobre o fato de que a aproximação da escola e de suas práticas pedagógicas em relação à cultura da infância e da juventude tornou-se fundamental. Sabemos que apesar dos contextos escolares não terem dado a devida atenção ao fenômeno da cultura midiática, o mesmo não é possível dizer sobre a vida das crianças e jovens quando estão fora da escola. Lá eles estão imersos numa cultura de consumo movimentada, midiática, efêmera, sedutora que lhes dá a sensação de mobilidade e fluidez espaço-temporal (GUIMARÃES, 2013, p. 223).

A música é um desses artefatos midiáticos que se encaixa no contexto de cultura movimentada e sedutora, tendo em vista que também estão intrínsecas às composições e músicas a possibilidade de reflexão do espaço-tempo que rodeia o aluno, ou seja, o seu cotidiano. Guimarães (2013, p. 223) ainda segue dizendo que “os artefatos midiáticos fazem parte do conjunto das produções culturais da sociedade capitalista em que vivemos”, o que corrobora ainda mais o fato de que precisamos usar esses artefatos em sala de aula, tanto para o viés da dinamização, quanto o viés da interdisciplinaridade nas escolas. Logo, a musicalização do ensino-aprendizagem da geografia, deve ser a prática de refletir sobre o espaço-tempo (cotidiano) do aluno usando o próprio entendimento discente e sua respectiva capacidade de assimilar a música ao meio ao qual encontra-se inserido. Segundo Guimarães (2013, p. 223),

As produções midiáticas podem ser usadas para a reflexão sobre o modo de perceber e viver em determinado espaço e tempo. Denotam as expectativas, os desejos, as necessidades, os desafios e os modos de viver da sociedade no espaço e no tempo (GUIMARÃES, 2013, p. 223).

Assim, temos a musicalização como um dos principais processos de enriquecimento escolar com uma abordagem musical no ensino-aprendizagem de Geografia, sempre fazendo menção ao uso do artefato “música” para não negligenciar a identidade cultural de cada aluno. Sempre utilizando o conhecimento do próprio discente e o que “está impresso” em sua identidade, tendo em vista o desenvolvimento do mesmo. Como aponta Guimarães (2013, p. 225), “esse é um trabalho que envolve aguçar o olhar dos estudantes para a compreensão da linguagem e também o conteúdo que dela emana”, em seguida prossegue salientando que “são produtos culturais que fazem parte da pedagogia não escolar e ensinam importantes conceitos geográficos” (p. 226). Ou seja, tais conceitos são adquiridos pelos jovens não pelo aprendizado escolar, mas pelo cotidiano, como bem apontou Santos (2008, p. 321) quando afirmou que “nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam”.

O referido fato está intrínseco ao meio escolar e à habilidade de trazer para a sala de aula as relações e objetos que estão dispostos no meio ao qual nos pertence, seja no ensino de Geografia ou em qualquer outra ciência que se atenha às escolhas desses objetos do dia a dia para, assim, realizar aulas mais prazerosas e didáticas, ressignificando-as. Não obstante é importante salientar que o professor de geografia tem como tarefa a utilização de todos esses objetos e ações do cotidiano. Segundo Santos (2008, p. 321),

Através do entendimento desse conteúdo geográfico do cotidiano poderemos, talvez, contribuir para o necessário entendimento [...] Enquanto outros especialistas podem escolher na listagem de ações e na população de objetos, aqueles que interessam aos seus estudos setoriais, o geógrafo é obrigado a trabalhar com todos os objetos e todas as ações (SANTOS, 2008, p. 321).

Ou seja, a musicalização como instrumento pedagógico na educação geográfica é, para o professor, um forte instrumento didático, dinâmico, e sedutor que atrai o interesse de jovens para a aula, fazendo com que o docente e a escola se tornem mais efetivos na tarefa de cumprir a sua função social. Devemos utilizar a música como um segundo meio de comunicação e de facilitação do entendimento do

mesmo, ou seja, caso o discente não compreenda o que está sendo exposto, “a linguagem musical é um segundo caminho comunicativo” (CARARO, 2013, p. 202) como forma de aguçar a maneira de refletir do aluno.

É dessa forma que respondemos as indagações feitas anteriormente: à medida que um profissional docente utiliza a musicalização em sala de aula, pois a identidade e a realização profissional são alcançadas quando o professor se sente abraçado pela classe estudante; a participação docente para a formação de “cabeças pensantes” mostra-se, então, como sendo todo o conhecimento que vai surtir efeito na formação futura do aluno.

4 A MÚSICA E A VIDA COTIDIANA SOCIAL

O processo de musicalização aqui abordado tem como enfoques principais: trazer músicas da vida cotidiana; sugerir questionamentos sobre trechos das letras; questionar se os processos encontrados na composição musical são identificados no dia a dia social; saber dos alunos possíveis resoluções para os problemas elencados e por fim refletir em conjunto acerca das possibilidades apontadas pelos discentes. Antes de mais nada, precisamos salientar que partimos Heller (2008, p. 34) ao apontar que “a vida cotidiana [...] é a verdadeira ‘essência’ da substância social”.

A seguir serão trazidas algumas composições que fazem uso de reflexões sociais em diferentes níveis e análises. A escolha das letras foi tomada com intuito de que a musicalização em sala de aula se torne algo mais dinâmico e coeso. Sempre lançando mão de músicas que retratem o cotidiano social, foram feitos debates e reflexões acerca das inquietações aqui abordadas anteriormente na vida do profissional docente. Temos, então, a utilização da música na sala de aula de forma que os alunos mostraram-se mais interessados na Geografia.

3ª do plural (Engenheiros do Hawaii)

Corrida pra vender cigarro
Cigarro pra vender remédio
Remédio pra curar a tosse
Tossir, cuspir, jogar pra fora

Corrida pra vender os carros
Pneu, cerveja e gasolina
Cabeça pra usar boné
E professar a fé de quem patrocina

Eles querem te vender
Eles querem te comprar
Querem te matar (de rir)
Querem te fazer chorar
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?
Corrida contra o relógio
Silicone contra a gravidade
Dedo no gatilho, velocidade
Quem mente antes diz a verdade

Satisfação garantida
Obsolescência programada
Eles ganham a corrida
Antes mesmo da largada

Eles querem te vender
Eles querem te comprar
Querem te matar (a sede)
Eles querem te sedar
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?
Vender, comprar, vender os olhos
Jogar a rede... contra a parede
Querem te deixar com sede
Não querem te deixar pensar
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?
Quem são eles?
Quem eles pensam que são?
Quem são eles?

Humberto Gessinger (2002, Universal International).

A composição “3ª do plural” tem como preocupação principal tratar o assunto/tema “capitalismo”, sistema que rege a economia da maioria esmagadora dos países do mundo. Temos um conceito importante na letra chamado de obsolescência programada, o qual está aí para salientar a característica dos produtos, produzidos em série, de terem prazo para se tornarem obsoletos e assim induzirem a população a adquirir novos produtos.

O compositor faz menção à forte dinâmica de movimentação inerente ao sistema capitalista e reflexões sobre o capitalismo contemporâneo, uma vez que a canção se mostra cheia de processos em cadeia, ou seja, processos consecutivos. Como exemplos temos os seguintes versos: “corrida pra vender cigarro / cigarro pra vender remédio / remédio pra curar a tosse / tossir, cuspir, jogar pra fora”. Todos esses processos podem ser tratados em sala de aula, à medida que a turma for incentivada pelo docente a refletir sobre a composição.

Como sugestão, pode ser feita uma sondagem sobre o cotidiano econômico e o poder aquisitivo dos alunos da turma e de suas respectivas famílias como: quais hábitos e costumes as pessoas têm de ir a lojas para olhar produtos, os quais já são possuidores? O que a sociedade costuma fazer quando uma mercadoria começa a

apresentar sucessivos defeitos? Qual o destino de bens que são considerados defeituosos ou obsoletos? O que estimula a sociedade a ser ou não ser consumista? O que seria o processo de obsolescência identificado na composição? Entre outras coisas. Essa letra é fundamental para a contextualização de capitalismo, consumismo, sociedade capitalista/consumista, produtos obsoletos, dinâmica do capital e do lucro, entre tantas coisas.

Xote ecológico (Luiz Gonzaga)

Não posso respirar, não posso mais nadar.
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar.
E se plantar não nasce, se nascer não dá.
Até pinga da boa é difícil de encontrar.
Não posso respirar, não posso mais nadar.
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar.
E se plantar não nasce, se nascer não dá.

Até pinga da boa é difícil de encontrar.
Cadê a flor que estava aqui?
Poluição comeu
E o peixe que é do mar?
Poluição comeu
E o verde onde é que está?
Poluição comeu
Nem o Chico Mendes sobreviveu

Luiz Gonzaga (1989, Copacabana)

Como podemos ver na letra de *Xote ecológico*, a preocupação principal é tratar sobre a degradação do meio ambiente, poluição e a falta dos recursos naturais que, à época, já se mostravam evidentes. O autor utiliza o termo “poluição comeu” para externar o processo de destruição da natureza, ou seja, os agentes poluentes são responsáveis pela ausência de elementos naturais do nosso cotidiano que por ventura diminuíram ou deixaram de existir.

Tal composição pode ser utilizada em sala de aula para reflexões acerca de problemas socioambientais do cotidiano. As possíveis discussões que podem ser realizadas em sala de aula são: quais os agentes poluentes mais devastadores que podem se encaixar na poluição da letra? O que a sociedade faz para evitar o avanço da degradação ambiental? O que cada pessoa pode fazer para amenizar a situação ambiental na qual estamos inseridos? Quais processos são desenvolvidos para a reciclagem e utilização consciente dos recursos naturais? Entre outras coisas.

A letra também faz menção ao ambientalista, ativista político e sindicalista da época, o seringueiro Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes, citado na música no trecho “nem o Chico Mendes sobreviveu”, salientando

também que a luta pela conservação ambiental pode ser árdua para muitas pessoas e que algumas tiveram um fim trágico.

5 A PRÁTICA EM SALA DE AULA

Tudo o que foi abordado anteriormente nesse trabalho foi evidenciado em sala de aula, ao ser desenvolvida a musicalização supracitada. Tendo como embasamento relatos dos discentes que participaram da discussão “música no ensino de geografia”, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sagrado Coração de Jesus, localizada na cidade de Duas Estradas/PB.

A música em sala de aula foi bem recebida e, consideravelmente, aceita pelos alunos de segundo e terceiro anos do ensino médio. Foram abordadas as canções *3ª do Plural* (Engenheiros do Hawaii) no terceiro ano do ensino médio e *Xote Ecológico* (Luiz Gonzaga), no segundo ano do ensino médio. As canções abordam capitalismo e degradação ambiental, respectivamente.

Na sala de aula, ao utilizar a música como recurso didático/processo ensino-aprendizagem, a resposta da classe discente foi positiva e animadora. Primeiramente, a atenção dos mesmos voltou-se para o professor e para a compreensão das letras das músicas. Segundo, o comportamento melhorou consideravelmente, pois imagina-se que o aluno estava interessado na quebra de rotina e da preocupação do docente em inovar e levar algo mais dinâmico para a sala de aula.

A seguir, temos a transcrição de quatro depoimentos gravados em sala de aula na turma de segundo ano do ensino médio, logo após o término da referida musicalização, (fotografia 01) tendo como pergunta norteadora “qual a sua opinião sobre a utilização da música para o ensino de geografia?”.

Marcos Antônio Estevam de Souza falou que “*é bom, pois sai da rotina e é um bom modo de aprender novas canções e trabalhar com a aula*”. João Reuren Sena da Silva salientou que “*é interessante pois foge um pouco da rotina e sempre trazendo aprendizado*”. Graziely Xavier Belarmino afirmou que “*é uma boa forma de aprender com a música porque fica mais fácil de aprender e fica até mais legal, mais dinâmico*”. José Ricardo Borges da Silva apontou que “*é importante fazer esses*

trabalhos em sala de aula pois estimula os alunos a querer saber mais sobre o assunto e assistir mais as aulas”.

Como visto na fala dos discentes supracitados, a música demonstrou, no contexto escolar em quietão, ser uma forte ferramenta didática e se torna muito eficaz no quesito de realização de aulas mais prazerosas e mais efetivas.

Fotografia 01: Utilização de instrumento musical (violão) para ministrar aula de Geografia na turma de 2º ano do ensino médio.



Fonte: Andiária Pereira da Silva, 2017.

É importante salientar que todos os alunos que se dispuseram a participar desse projeto ressaltaram a importância de uma aula diferente e mais didática e que fuja da rotina. Isso corrobora a ideia de que os alunos estão sempre exigindo – isso fica implícito em sua forma de se comportar perante aulas tradicionais e sem novidades – que os professores saiam de suas respectivas zonas de conforto e inovem. Assim, fica evidente a necessidade da musicalização em sala de aula.

A seguir serão transcritos mais quatro depoimentos seguindo a mesma lógica anterior, porém, com aplicação na turma de terceiro ano da mesma escola (fotografia 02). Ednaldo Lopes da Silva salientou que *“é uma melhoria de interlocução e de interação do professor com os alunos, além de ser uma coisa diferente e ter chamado mais atenção do aluno naquilo que é a geografia”*. Gleyce Estefany Nogueira Constantino apontou que *“é interessante o ensino com música por ser um*

modo diferente de aprender. Talvez os alunos até gravem mais as informações aprendidas e é um jeito mais fácil, pois interagiu mais com os alunos”. Roniel Pereira da Silva argumentou que “a musica na sala de aula foi muito bom porque fez os alunos interagirem melhor e achei bacana, legal e é isso aí”. Ellen Nyélida de Sousa Brito salientou que “é muito interessante por que mudou o comportamento de vários alunos que não se comportavam na aula, eram insuportáveis, pois ficaram quietos e prestaram atenção”.

Como apontado nos relatos acima, podemos salientar que a musicalização mostra-se, além de eficaz, fundamental para a melhor interação e interlocução entre professores e alunos, como também é importante para que alunos com características de mau comportamento também se sintam atraídos pelo diferente, ou seja, pela mudança na rotina.

Como apontou Ferreira (2010, p. 9), “percebemos o valor que o som organizado por nós, seres humanos, pode alcançar quando desejamos por meio dele exprimir algo à outra pessoa”. Assim, a música tem papel fundamental para mostrarmos aos discentes o quanto o cotidiano e a disciplina de geografia tornam-se mais didáticos, com a sua utilização [da música].

Fotografia 02: Utilização de instrumento musical (violão) para ministrar aula de Geografia na turma de 3º ano do ensino médio.



Fonte: Ingrid Dayane da Silva Carneiro, 2017.

As aulas “musicalizadas” de Geografia mostraram-se importantes para a compreensão de cotidiano dos alunos, como também para a formação de suas opiniões e reflexões acerca da sociedade a qual estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a utilização da música em sala de aula mostrou-se bastante importante para a compreensão do discente em se tratando do seu cotidiano e dos conhecimentos a ele inerente. É de relevante importância, também, que a musicalização dos conteúdos ministrados em sala mostra-se como estando voltado ao desenvolvimento de aulas mais didáticas, coesas e prazerosas.

Docentes que utilizam o artefato musical como instrumento didático possuem melhor rendimento na interação com os alunos e conseqüentemente uma melhor interlocução com os mesmos em sala de aula. Inclusive, alguns alunos que apresentam uma conduta de mau comportamento no momento da aula, podem sentir-se mais atraídos e interessados com o conteúdo ministrado de forma musical.

É relevante ressaltar a abordagem que os alunos trouxeram na discussão de que é importante a quebra de rotina dentro da sala de aula, onde eles salientaram que é muito chato ficar apenas copiando o que o professor escreve na *lousa* e ouvindo o que o docente tem a falar acerca do conteúdo ministrado.

As reflexões embasadas nas letras das composições foram realizadas de forma que os alunos se mostraram mais interessados no conteúdo de Geografia e no entendimento de cotidiano a eles demonstrado pelas letras das canções. Temos, então, a musicalização da educação geográfica utilizando a música nas aulas de Geografia por intermédio da melhoria na interação e interlocução entre alunos e professores, melhor desempenho de alunos que se demonstravam como sendo mau comportados em sala de aula e passaram a prestar atenção mais efetivamente ao conteúdo.

O professor conseguiu, então, atingir seu objetivo de alcançar a sua identidade, utilizando a música em sala de aula, pois assim tem-se um melhor diálogo entre docente e discentes, o que compreende-se aqui como sendo a meta de um educador: conseguir obter resultados válidos em exercício de seu papel no ensino aprendizagem.

Conseqüentemente, a realização foi conquistada no trabalho docente, à medida que a música mostra-se capaz de melhorar o ensino-aprendizagem e, assim, essa prática profissional torna-se a principal razão de um profissional do ensino querer e sentir a vontade de exercer sua função de educar/ensinar todos os dias. Finalizando as respostas aos questionamentos anteriores, a prática inerente à

formação de opiniões e “cabeças pensantes” torna-se inteiramente consubstanciada à participação docente em sala de aula uma vez que o processo de ensinar/aprender é de extrema importância para o futuro dos jovens e para a sensação de dever cumprido por parte do professor.

É levando em consideração a musicalização (utilização da música em sala de aula) que esse objetivo é alcançado, através do processo de utilizar a música como recurso didático/processo de ensino aprendizagem no ensino da Geografia na educação básica. Com a utilização de instrumentos musicais, letras de músicas, aparelhos de multimídia, entre outras ferramentas, mas é necessária a inovação para que os objetivos sejam conquistados.

REFERÊNCIAS

CARARO, José Américo. A linguagem musical como possibilidade de estudo do espaço geográfico. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva (Org.). **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. Curitiba: CRV, 2013.

FAZENDA, Ivani C. A. (Org.) **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1996.

FERREIRA, Matins. **Como usar a música em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GONZAGA, Luiz.

GUIMARÃES, Iara Vieira. Os artefatos midiáticos, a pesquisa e o ensino de geografia In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA Joseane Abílio de Sousa (Org.). **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Mídia, 2013.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008

PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Por uma geografia nova**: crítica da geografia a uma geografia crítica. 4. ed. São Paulo. Universidade de São Paulo: 1986.

VIANA, Adriane Monteiro. A música como recurso didático em geografia – uma abordagem do cotidiano In: REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce Maria; HEINDRICH, Álvaro Luíz (Org.). **Geografia e educação**: geração de ambiências. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

WHITE, Leslie A; DILLINGHAM, Beth. **O conceito da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

Engenheiros do Hawaii. 3ª do plural. Disponível em: <www.lettras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/747530/>. Acesso em 22 de out. de 2017.

Luiz Gonzaga. Xote ecológico. Disponível em: <www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/295406/>. Acesso em 22 de out. de 2017.